

## **CORPO, PRODUÇÃO DO MEDO E ABJEÇÃO: POSICIONAMENTOS PARA OS SUJEITOS AUTOMUTILADOS EM VÍDEOS**

**Vinicius Lemos da Silva Reis (Labedisco/UESB) \***

**vinicius.lsreis@gmail.com**

**Nilton Milanez (Labedisco/UESB) \*\***

**nilton.milanez@gmail.com**

**RESUMO:** O trabalho analisa e problematiza imagens de audiovisuais de sujeitos filmando e expondo a automutilação sobre o corpo com circulação na internet. Os questionamentos construídos serão abordados à luz dos pressupostos teóricos que compõem a análise do discurso, primando uma perspectiva foucaultiana sobre o corpo e regimes de funcionamento do discurso. Além disso, traz diálogos teóricos em torno da materialidade audiovisual, uma vez que o *corpus* elencado para análise na pesquisa é composto por vídeos postados no *site* [www.heavy-r.com](http://www.heavy-r.com). Objetivamos com este trabalho problematizar as posições dos sujeitos que as imagens de automutilação são capazes de produzir: primeiro, discutir posições histórico-sociais do medo enquanto insegurança e incerteza diante de um corpo automutilado, um desdobramento do medo da morte e da monstruosidade; segundo, trabalhar um efeito de abjeção enquanto repulsa por meio de uma não-identificação ao corpo automutilado. Os regimes do medo da morte, do monstro e da abjeção são constitutivos às práticas audiovisuais de automutilação. Neste contexto que a morte é presença constante é necessário frisar que a discussão nesse trabalho se dá em torno do objeto discursivo “corpo”. É este objeto discursivo que dá as condições possíveis para problematizar posicionamentos para os sujeitos automutilados em um regime da produção de medo e abjeção em práticas audiovisuais de automutilação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abjeção; Corpo; Medo; Suplício e Vídeos de Automutilação.

### **LUGARES POTENCIAIS PARA O ESTUDO DO CORPO OBJETO-DISCURSO AUTOMUTILADO**

Antes de iniciar as discussões propostas neste escrito se faz necessário construir uma breve cartografia dessa temática e objeto de estudo e discurso, o corpo em vídeos de automutilação, para compreendermos onde se encontra este estudo em uma rede acadêmica, ou melhor, para localizarmos de que lugar(es) se fala, levantando indícios de uma instância espacial na produção de pesquisas que tomam o discurso como problemática a ser desenvolvida. Assim sendo, este artigo faz parte das pesquisas em

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Pesquisador-Colaborador do LABEDISCO/CNPq/UESB – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. E-mail: [vinicius.lsreis@gmail.com](mailto:vinicius.lsreis@gmail.com).

\*\* Professor Titular no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro efetivo dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu em “Linguística” e “Memória, Linguagem e Sociedade”, ambos na UESB. Coordenador do LABEDISCO/CNPq – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. E-mail: [nilton.milanez@gmail.com](mailto:nilton.milanez@gmail.com).

andamento do grupo de pesquisa Labedisco (Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo-UESB), grupo no qual estão alocados trabalhos referentes à Análise do Discurso em uma perspectiva foucaultiana, tomando apontamentos sobre o Corpo e Discurso para pensar e fazer emergir questões acerca do sujeito no audiovisual, pois para suporte material da pesquisa tomamos as imagens em movimento em suas construções discursivas, e pensaremos os sujeitos em nossa atualidade, retomando o questionamento emergente em Foucault (2005): “quem somos nós hoje?” Uma atualidade que pode ser entendida como uma relação singular do sujeito com o seu tempo, propiciando uma leitura do funcionamento da constituição do sujeito e os discursos que o atravessam, numa perspectiva histórico-social.

Nos agenciamentos do Labedisco, encontramos a ação de extensão do projeto intitulado “Materialidades do discurso fílmico, do corpo e do horror” emaranhando postulados sobre o discurso, elementos de composição de imagens em movimento e noção de horror. A partir desse lugar podemos problematizar nossas pesquisas em direção ao que é horrífico e por conseguinte às condições de produção do medo e aos caminhos de abjeção. Vale ainda ressaltar que este artigo é um desdobramento de um projeto de pesquisa que tem como objetivo pesquisar a automutilação em vídeos da internet, promovendo questões como: quais são os discursos que autorizam o sujeito automutilado a expor seus cortes? Como o corpo do sujeito-automutilado é construído em seus contornos discursivos? Quais as condições de possibilidades que atravessam e compõe esse objeto de discurso? Quais elementos que fazem emergir uma historicidade dentro de uma rede de memórias das imagens e discursos para a automutilação? Como os recursos/estratégias de produção do audiovisual materializam os discursos da automutilação em vídeos da internet? Enfim, notamos e pensamos com Foucault, no interior dos trabalhos do Labedisco, aquilo e aqueles que são marginais, que não são vistos dentro de uma rede que captura o comum e o hegemônico. Daí, partimos para problematizar as imagens em movimento por meio dos estudos da Análise do Discurso no Brasil, onde esse tipo de materialidade ainda tem uma dimensão marginal.

Este artigo não tem a preocupação de trazer resultados já determinados e prontos, tendo em vista o seu desdobramento da pesquisa já em andamento citada acima. Permitiremos, portanto, trilhar caminhos entre o medo e a abjeção por meio de imagens de sujeitos se automutilando.

Seguindo algumas reflexões e direções apontadas por Milanez:

Uma sociedade se revela sob suas aflições e imagens horríficas, criando totens que nos permitem dar uma forma, um gesto, um corpo, tornando viva e material as ameaças do nosso cotidiano [...] Cada sociedade tem seu medo, que se configura por meio de um tabu de objetos sócio-histórico-culturais. (MILANEZ, 2014, p. 165).

Podemos refletir a relação de medo para com a morte que é constitutiva do sujeito ocidental, o medo de seu fim natural, de uma lei inevitável. “A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 1987, p.1). Essa aflição expõe uma condição de possibilidade para problematizarmos as materialidades audiovisuais da automutilação, um posicionamento da relação da vida com a morte. Objetivamos, assim, problematizar as posições dos sujeitos que as imagens de automutilação são capazes de produzir: primeiro, discutir posições histórico-sociais do medo enquanto insegurança e incerteza diante de um corpo automutilado, um desdobramento do medo da morte e da monstruosidade; segundo, trabalhar um efeito de abjeção enquanto repulsa por meio de uma não-identificação ao corpo automutilado, um efeito de repulsa ao que pode conectar o sujeito ao seu fim que pode ser possibilitado por si, a abjeção como estratégia de esquiva. Os regimes do medo da morte, do monstro e da abjeção são constitutivos às práticas audiovisuais de automutilação. Frissamos, ainda, que a produção do medo e da abjeção expõe uma historicidade do sujeito frente à morte do outro e de si.

## **MOBILIZANDO AS MATERIALIDADES AUDIOVISUAIS PARA CONSTITUIR O *CORPUS***

Para esta tarefa proposta acima, tomaremos como suporte material para verificação do objeto de pesquisa, uma composição de vídeos encontrados disponíveis, em circulação e visibilidade, na internet, especificamente no *site* de compartilhamentos de vídeos [www.heavy-r.com](http://www.heavy-r.com), este *site* veicula conteúdos de ordem sexual, numa instância pornográfica, porém é associado a este lugar virtual vídeos de práticas sexuais que podem ser denominadas e descritas como incomum, muitas vezes beirando o horrendo e o bizarro. Os vídeos elencados para compor o *corpus* apresentam sujeitos, em vídeos amadores e individuais, praticando uma autolesão, utilizando de materiais cortantes e/ou pontiagudos sobre si e automutilando o corpo. Estas ações são produzidas pelos próprios sujeitos que enquanto se automutilam estão filmando a si mesmos e a prática, por meio de uma câmera fixa, enquadrando a parte dos corpos que estão sendo

cortados, numa focalização direta ao ato e ao local de incisão dos cortes. Essas materialidades audiovisuais foram postadas nesse site entre os anos de 2004 e 2014, expondo um domínio de atualidade. Os vídeos relatam microhistórias encenadas individualmente que estabelecem relações em rede através de regularidades discursivas de suas imagens com outros acontecimentos.

Como o *corpus* é constituído de materialidades audiovisuais, por imagens em movimento, traremos para nos apoiar analiticamente, construções teóricas no campo da produção audiovisual que a toma como produções sociais de sujeitos históricos. Para Dubois (2004), pode-se definir o vídeo em algo muito além de uma imagem(ação), temos um ato(ação) de um sujeito que emerge em determinadas condições tecnológicas, ou seja, o vídeo vai além de suas imagens, ele se compõe em meio a uma historicidade e estratégias discursivas que são retomadas, repetidas e atualizadas, onde os sujeitos possam emergir em determinadas condições específicas.

Ao olhar o *corpus*, metodologicamente, tomaremos inicialmente alguns extratos dos vídeos já descritos para questionar e problematizar quais as regularidades discursivas que estão sendo evidenciadas, o jogo discursivo de continuidades e deslocamentos possíveis que tomam o corpo na prática de automutilação. Assim, como discute Foucault, na *Arqueologia do Saber*, estabelece-se um método de investigação que visa o olhar sobre as unidades regulares, a fim de “reivindicar um domínio que as especifique no espaço e uma continuidade que as individualize no tempo; segundo que leis elas se formam; sobre o pano de fundo de que acontecimentos discursivos elas se recortam” (FOUCAULT, 2008, p. 29). É verdade que pela configuração do artigo, iremos apresentar de forma breve, sem uma escavação mais profunda essas regularidades discursivas em um domínio possível, o do suplício. Isto é propiciado quando nos deparamos com o corpo, é o seu atravessamento discursivo que nos interessa, o corpo inscrito na história, alocado numa rede de memórias encarnada pelos sujeitos, moldando, recortando e transformando o corpo em sua discursividade. Pois “a decifração do corpo me parece constituir a preocupação central da genealogia foucaultiana, esta articulação do corpo e da história; o corpo superfície de inscrição [...] todo impregnado de história” (COURTINE, 2013, p. 8).

## **MEDO E ABJEÇÃO COMO POSICIONAMENTOS DO SUJEITO PARA A MORTE**

Nossos posicionamentos diante às questões que o funcionamento discursivo da sociedade nos impõe podem ser ilustrados de diversas maneiras pelos sujeitos e em diferentes ordens, dispersa ou continuamente. Nas materialidades audiovisuais não são diferentes, elas estão expostas a estratégias de produções discursivas que podem ser verificadas analiticamente como exposição de posições do sujeito. Nos vídeos de automutilação utilizados no *corpus* podem ser trabalhadas relações produtivas do medo e abjeção. Tomaremos alguns fotogramas dos vídeos para ilustrarmos nossas análises seguintes:



Diante das imagens há a produção de um desconforto e estranhamento para o sujeito, o corpo automutilado nos traz a emergência de uma rede de memórias de imagens associadas ao medo, possibilitando a construção de um sujeito monstro, esse estranhamento evocado faz referência, ou melhor, é uma possível tradução para a abjeção, podemos propor então, que a abjeção produzida no olhar do sujeito que se identifica à lente da câmera é que constrói o sujeito monstro, um olhar carregado de historicidade que compõe posições para um sujeito monstro. Essa abjeção que emerge na prática do olhar está atrelada ao medo, que se funda com a abjeção como uma sombra, o medo se refere ao medo do desconhecido. Na materialidade analisada há uma suspensão do que pode vir acontecer aos sujeitos anônimos, pois a autolesão provocada

aproxima-se a possibilidade de deixar o corpo mutilado e traumatizado podendo vir a morrer, logo o medo da morte se faz evidente e de maneira íntima a abjeção. A abjeção também pode ser entendida como uma prática de esquiva, construindo para o sujeito dos vídeos a posição do monstro e garantindo o distanciamento da estranheza da morte.

Essa convocação para produção do monstro será tomada pelos apontamentos e discussões pensadas pelo Foucault (2001), onde o monstro é aquele sujeito que rompe com as regras estabelecidas, as convenções e pactos sociais, uma ruptura tanto com as leis da sociedade quanto com as leis da natureza, infringindo as normas naturais e jurídicas, nas materialidades em questão há um contato com a ruptura das leis que estabelecem uma ordem para a morte, ou melhor, para uma política de vida, abrindo uma possibilidade de ruptura aos discursos legisladores da vida. Sim, é verdade que os vídeos evidenciam cortes calculados em força, ritmo e intensidade que claramente demonstram um discurso para a vida do que para a morte, a automutilação é uma prática de exaltação da vida diante da aproximação do seu suposto contrário, a morte, pois o corpo não pode ser levado à morte. Logo, podemos dizer que existe um medo enquanto insegurança e incerteza nas materialidades audiovisuais gerado pelo horror de uma monstruosidade que por um erro de cálculo pode levar o corpo à morte.

As convenções sociais são dispostas numa ordem de discurso naturalizado onde a morte deve ser evitada, e que os sujeitos não devem levar o corpo à morte. Por conta da aproximação dos sujeitos que se automutilam à morte do próprio corpo é possível atrelar os sujeitos ao monstro, pois rompem com os pactos sociais que exaltam a vida e tomam os corpos como sacros. A posição do sujeito construída como o monstro abre margem para uma anormalidade, em um processo que conduz o monstro ao anormal, não a toa, no mundo atual, os indivíduos que se automutilam são convocados a subjetivar nos lugares do louco, do sem razão, sendo sujeitos transtornados. Reforçando essa análise mobilizaremos Courtine (2013) que retoma o pensar com Foucault, retratando que a arqueologia da anomalia permite compreender a passagem do monstro físico ao monstro moral. Esse monstro precede o anormal, sendo este, um monstro cotidiano e banalizado. Para Foucault, a construção do monstro e da monstruosidade está relacionada a toda transgressão. Nos sujeitos analisados a automutilação é compreendida como um desvio de conduta, pois transgridem os preceitos morais-sociais de não provocar lesões ao corpo, a posição do sujeito automutilado ocupa o lugar do monstro moral, um criminoso de si.

A produção do medo nas práticas de automutilação em vídeos se dá por uma presença do medo da morte do outro e de si, da morte do sujeito. Essas presenças do monstro, horror, morte e medo provocam a emergência de uma não-identificação ao corpo-sujeito mutilado, um distanciamento, um movimento de esquiva que pode ser considerada enquanto repulsa, um posicionamento do sujeito entendido como um efeito de abjeção. Os regimes do medo da morte, do monstro e da abjeção são constitutivos às práticas audiovisuais de automutilação, dão subsídio ao seu funcionamento discursivo e à ordem dos discursos.

### **A CONSTÂNCIA DA MORTE E A EMERGÊNCIA DA REPULSA: NOVOS SABERES**

No *corpus* analisado é constatada a presença marcante da morte, ora há uma aproximação ora há um distanciamento, é nesse afastamento que emerge a produção da abjeção e o medo. O sujeito que se identifica a lente da câmera estranha e repudia. A abjeção é a repulsa, uma não identificação ao sujeito da automutilação. Nesse processo verificamos aproximação da morte que gera medo, desencadeando a abjeção, uma repulsa que faz emergir a posição de uma monstruosidade/anormal.

Devo relatar, que esta análise, que de maneira não aprofundada sobre os vídeos e imagens, não tem intuito de tomar e tornar verdades sólidas sem refutações. A fluidez que se deve na analítica do texto se deve ao fato do alargamento dos saberes que se debruçam para pensar o corpo, o vídeo e a automutilação. Observamos que a constância da morte, um dos medos primordiais é condição de possibilidade para a construção de um sujeito do corpo-automutilado numa posição do monstro, assim como pensado pelo Foucault.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DUBOIS, P. **Cinema, vídeo, Godard**. Trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no Collège de France (1974 – 1975): tradução Eduardo Brandão – São Paulo: Martins Fontes, 2001, (p.69 a 100).**

\_\_\_\_\_. O Que São as Luzes? In: **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Editora Forense Universitária, 2005.

- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Trad. bras. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987, p. 1.
- MILANEZ, Nilton. O corpo-objeto e outros espaços: materialidades audiovisuais de zumbis. In: TASSO, Ismara; SILVA, Érica (Orgs.). **Lingua(gens) em discurso: a formação dos objetos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. P. 165 – 186. (Coleção: Linguagem & Sociedade, volume 7).